

O Corpo Denuncia e Encobre

Espaços de constituição da subjetividade

Não há dúvida de que todo analista a partir de Freud tem alguma maneira de encarar o tema do corpo, sua representação e o lugar que esse ocupa em diferentes manifestações do sujeito humano. Isso inclui a sexualidade, bem como tudo o que se refere ao psicossomático, à hipocondria, às adições, ao narcisismo, à vida amorosa, enfim, a uma gama importante de questões que ocupam nossa clínica diária e nossa mente. Inclui o passar do tempo, e sabemos que cada época imprime a sua marca à representação corpo, sendo relevantes as modificações das inscrições de certos conceitos em cada grupo

Janine Puget

Membro titular da Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires e da Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo.

social e étnico. Ao incluir a subjetividade social e o lugar do corpo na mesma, será necessário aprofundar os múltiplos significados em cada um dos espaços de constituição da subjetividade. Isso me levará, por exemplo, a propor que a sexualidade não seja pensada somente como uma mera reorganização ou reformulação da vida pulsional e libidinal. A questão da sexualidade, merece uma revisão do conceito de corpo na teoria psicanalítica, já que, logicamente, esse tem muito a ver com a sexualidade. A teoria vincular (Puget, 2001; Berestein, 1997), a qual venho formulando desde alguns anos, levou-me a tentar encontrar novos significados para o corpo, assim como a discernir o lugar que ocupa nos distintos espaços de constituição da subjetividade.

Falar do corpo equivale a denominar uma das entidades que forma o sujeito em cada um dos espaços de constituição da subjetividade. Ao mencionar a possibilidade de que haja vários espaços subjetivantes, parto de uma série de hipóteses, segundo as quais, não será o mesmo ir sendo sujeito de seu próprio mundo interno, de acordo com um constante interjogo entre objetos internos e objetos externos que conformam o mundo da criança e do sujeito nascente, que ir sendo sujeito de um vínculo. Nesse último caso, só ao haver dois sujeitos que impõem, respectivamente, sua presença, aos quais chamo dois outros, poderá constituir-se um espaço de subjetividade, já não de um sujeito com seus objetos externos internalizados, mas sim de dois sujeitos que mantêm entre si uma relação de exterioridade indeclinável. Para essas duas possibilidades, ou seja, a criação de um espaço de constituição do tradicional mundo interno – intrapsíquico – e a constituição de um espaço – intersubjetivo – a maneira de conceitualizar a realidade será diferente. Para a constituição do espaço intra-subjetivo, dispomos de um corpo teórico proveniente de diferentes marcos referenciais psicanalíticos, segundo os quais o sujeito, às vezes chamado Ego e outras vezes indivíduo, Self, etc., vai se desenvolvendo e conservando uma marca de identidade a partir de um tronco inicial de vivências e representações. Aqui o Ego é hegemônico e é o que dará sentido ao mundo representacional e objetual, enquanto que para o vincular, ou seja, o espaço intersubjetivo,

terá de ir dando sentido à constituição de um espaço que dependa do que chamo o *Dois* ou o *múltiplo*. Aqui os sujeitos do vínculo nascem e se originam em cada situação, para logo incorporar a história ou uma história a posteriori. O *Dois* tem sua própria lógica, seus mecanismos de constituição e suas categorias. O que chamo o identitário¹, que é o que os psicanalistas mais conhecem, tem um componente determinístico e de continuidade com o originário, enquanto que para o *Dois*, o imprevisível é fundamental, assim como considerar o mundo representacional dentro de um sistema aberto. Isso requer hipóteses acerca da maneira de conceber-se o ir se tornando sujeito em cada situação, tendo em conta que a potencialidade de um vínculo depende basicamente de dois componentes chamados *alteridade*² e *alheidade*³ própria e do outro. Esses dois espaços, o intra-subjetivo e o intersubjetivo têm lógicas próprias e heterólogas, o que faz com que, ainda que o que suceda em uma produza efeitos na outra, a articulação entre ditos espaços não seja linear. Concebo dita relação sobre o modelo da conectividade⁴ como sendo o que só possibilita trabalhar com efeitos de conexão, sem o apoio de uma teoria explicativa causal. Ao contrário, se a articulação entre os espaços fosse associativa, linear, recuperaria conteúdo explicativo e causal. Mas é precisamente da diferença irreduzível entre essas duas lógicas que surgirá uma potencialidade criativa, ou, do contrário, desestabilizante. Os dois espaços, intrapsíquico e vincular, constituem-se simultaneamente e estão sempre ativos, mas em algumas circunstâncias e em alguns enquadres psicanalíticos predomina a conflitiva de um sobre o outro. Um expoente da não compatibilidade de ditos espaços é o aparecimento de significados e ações que entram em contradição entre si, ainda

1. Adjetivo relacionado com a identidade. (N. do T.)

2. Natureza ou condição do que é outro, do que é distinto, que marca a diferença. (N. do T.)

3. Neologismo criado para a palavra do espanhol Ajenidad – Referente a alheio. (N. do T.)

4. Júlio Moreno define a conectividade diferenciando-a do método associativo como um sistema no qual os elementos se relacionam entre si pelo que têm de alheio e outro. Aqui não valem as categorias causa-efeito nem espaço-temporais clássicas. Aqui vale o instante...Um exemplo desse funcionamento são os jogos atuais das crianças nos quais as coisas acontecem sem que respondam a uma lógica associativa.

que dentro de cada espaço possam ser coerentes.

Essas precisões eram necessárias para introduzir o tema do corpo ao qual irei dando significados, dependendo do espaço em que ocupe um lugar. Em cada espaço haverá um corpo a ser descoberto, um corpo imprevisível, um corpo perdido e um corpo que se evade do olhar. Mas, além disso, o corpo constituído segundo a lógica da associação, da coerência com determinadas transformações biológicas não será o mesmo que o corpo que responde a valores que resultam alheios, não-lógicos e, no entanto, produzem corpos.

O Corpo enigmático. O corpo sempre outro

Concordo com Le Breton (1990, p. 8) quando diz que “nada é mais misterioso aos olhos do homem que a espessura do seu próprio corpo, e cada sociedade se esforça com seu estilo próprio para dar uma resposta particular a esse primeiro enigma no qual se arraiga o homem”.

O corpo se oferece, em algum aspecto, irremediavelmente como um alter, um alheio, inacessível e enigmático, portanto “impossível de ser colocado em palavras”. Seu registro de representatividade é em parte pictográfico e, em conseqüência, sem linguagem. O corpo que tem linguagem se expressa com uma linguagem corporal, sem palavras; e quando tem palavras, essas só denunciam um impossível: traduzir em palavras a inconsistência do corpo. Tal inconsistência tem um parentesco com o que chamo enigmático e alheio. Talvez dessa qualidade surja a necessidade de descobrir os distintos corpos, ou seja, que em cada um dos espaços singular, vincular e social o corpo tem funções e significação próprias de cada um.

Um estado é inconsistente quando os elementos que o compõem não guardam entre si uma relação de permanência, diferentemente do que sucede quando se trata de estados sólidos, consistentes. Pode-se então pensar o corpo como se estivesse composto de múltiplos elementos em permanente movimento que, fugazmente, adquirem alguma estabilidade sem que essa possa permitir que se instale uma representação... Entretanto, daí surgem marcas evanescentes que não conseguem inscrever-se como representa-

ção. Talvez as fotografias tentem dar conta de uma certa fixidez, algo assim como marcas, ainda que suscitem diferentes olhares, segundo quem as olhe e segundo o momento ou o estado de ânimo de quem as olha. Ou seja, que nem uma foto consegue dar consistência à inconsistência do corpo. Quanto joga essa inconsistência nas múltiplas sintomatologias produzidas durante cenas eróticas? Essas vão desde o prazer ao mal-estar, o que às vezes dá lugar a estados melancólicos, busca insaciável baseada na insatisfação ou nos casais que se maltratam. Também, certamente, abrem um futuro no qual cada encontro aporta algo de novidade.

Alguns filósofos como, por exemplo, Agamben, abordam o tema do corpo, pensado como composto de elementos que incluem o corpo vivente, o da *nuda vita* e o da linguagem, sendo este o encarregado de dar humanidade ao corpo ou ao elemento vivente. O corpo sem palavra, deshumanizado ou aquele que não tem palavra necessita da linguagem. O *infante*⁵, o da *nuda vita*, vai assim transformando em parte sua condição de desconhecido – inconsistência sem perder uma qualidade enigmática. Diferentes teorias psicanalíticas fazem a aquisição da humanidade depender da função parental, ou seja, da presença de um outro.

O corpo do espaço intra-subjetivo é falado pela função parental no processo, classicamente conhecido, de libidinização. O corpo vincular é falado por um outro e para isso o sujeito deve poder falar do corpo do outro para ir constituindo corpos que pertençam a esse vínculo e a nenhum outro. Aqui são particularmente importantes para a sexualidade as diversas modalidades de diálogo corporal que o casal possa estabelecer. Diálogo rapidamente mutante, sempre novo como se tivesse de dar conta de um impossível. O corpo vincular de um casal dá sentido à vida. Em consequência, esse corpo passa a ser propriedade do *Dois*.

O corpo enquanto enigma tem diferente qualidade e sentido, segundo se trate do corpo do monólogo–diálogo consigo mesmo, do corpo erótico vinculante, do corpo social. Algo desse corpo enigmático, sempre alheio, é a essência do que ficará subtraído da cena pública e que se torna uma cons-

5. Criança que ainda não sabe falar.

tante ameaça de destituição da mesma.

O corpo, ou melhor dito, os corpos, enquanto produtores de **ações conjuntas**, delimitam fronteiras, zonas de exclusão, fronteiras que são véus... que são velamentos... obscuridades que fazem invisíveis o que de outra maneira poderia ser visível, mas, sobretudo, fronteiras imaginárias, sempre mutantes, com alto nível de porosidade. Insisto em que o corpo se instala, inevitavelmente, em um estado de exclusão por sua qualidade enigmática, por sua necessária condição de alter em relação à estrutura da linguagem. Entretanto, é ele que constitui uma cena onde fica incluído: outra contradição inerente ao mundo representacional. Um corpo sempre excluído, que se evade da cena, um corpo sempre presente que impõe sua presença produz diversos efeitos; um corpo que fala, um corpo do qual se fala. Provavelmente o paradigma dessa complexidade é oferecido pelo corpo erótico, o corpo do erotismo de um casal, corpo hiperpresente e hiper-evanescente.

Falar do corpo ou desde o corpo

Do que se fala quando se fala do corpo, e do que se fala desde o corpo? O corpo falado retém sua qualidade de alter...o corpo que fala constitui a cena à qual chamo pública e instaura uma cena que é privada somente para dita situação... e cada um tem suas próprias modalidades de representatividade. O corpo do qual fala um só sujeito, do qual fala uma dupla, do qual fala um conjunto constitui uma cena desde o seu ser a um outro...tem a marca da exterioridade. Quando é o corpo próprio, os corpos inter ou o corpo cultural os que produzem as cenas, a linguagem falada é a linguagem corporal e forma parte da cena, e o corpo privado se encaixa em zona de exclusão.

Como consequência, não é possível pensar em definir um corpo, e sim em definir corpos: há um corpo que fala a um outro, há um corpo falado e um corpo do qual se fala com um outro...e daqui em diante a lista é infinita...além disso, é esse outro que, em algumas ocasiões, devolve o próprio corpo já feito outro (pensem nos comentários dos casais quando um

pergunta ao outro, “como me vê”), ou simplesmente devolve um testemunho quando o corpo não tem palavras. Um exemplo sinistro e símbolo do horror dos campos de concentração nazistas é o que foi denominado muçulmano⁶, o paradigmático da *nuda vita*. Era um corpo despojado de linguagem em função dos diversos sofrimentos e privações e do qual temos conhecimento por aqueles que puderam dar testemunho como testemunhas mas não como protagonistas. Fica claro que a testemunha do muçulmano, a que fala, nunca conhecerá a linguagem que o muçulmano teria produzido. Apesar de ser esse um caso extremo, e a testemunha não devolver humanidade ao muçulmano, de todas as maneiras, a força potencial de um vínculo provém em parte do fato de que o falado por um outro nunca poderá coincidir com o que disse esse outro. Portanto, o que sente um corpo e como o sente o outro, ainda que não coincida, dá a possibilidade de um encontro, de uma construção conjunta, ou, do contrário, de um total desencontro.

Das não-coincidências surgem ações que abarcam um espectro amplo desde mal-estar e bem-estar, dor e sua transformação em sofrimento, que constroem a função vinculante ou, pelo contrário, a anulam. O que chamo de não-coincidência tem a ver com o fato de que, dada a qualidade enigmática do corpo, o outro é incapaz de ver, ouvir ou tocar o que o sujeito quis mostrar, sentir...ou o que o seu corpo diz ou quer vivenciar. A cena mesma denuncia a diferença entre esses dois outros, onde se jogam os infinitos significados dos quais pode revestir-se. Aqui se jogam várias diferenças, tais como: diferença pura, diferença sexual, diferença geracional, diferença social, etc.

No espaço instituído pelo erotismo, em um vínculo, a ilusão de transformar a não-coincidência, a diferença em uma complementaridade sem brechas ou em uma vivência oceânica tenta proteger das inumeráveis evi-

6. O muçulmano foi denominado assim porque as condições desumanas dos campos de concentração nazistas reduziram algumas pessoas a um estado vegetativo que adotava a posição corporal que adotam os muçulmanos quando rezam. Do muçulmano deu conta aquele que dispunha ainda de linguagem e que atuou como testemunha.

dências do contrário. Tolerar a diferença possibilita o surgimento da curiosidade, motor da vida sexual, do conhecimento e da criatividade. Aqui, a curiosidade insaciável se dirige ao intento de conhecer o corpo do outro, o prazer do outro e transmitir o próprio prazer, assim como produzir prazer.

O público e o privado

Já vim introduzindo o conceito de público e privado e isso merece alguma pontualização. Seguindo a explanação da heterogeneidade dos espaços, propus que pensemos no corpo do espaço intra, o corpo do espaço inter e o corpo do espaço trans. Cada um desses instaura uma cena pública e uma cena privada que mantêm entre si uma relação de **incompatibilidade**. Denomino público a cena constituída por ações conjuntas, visíveis, que determinam o que vai ser privado para cada situação: é aí que se instaura. Privado, tomado no sentido de privar, subtrair, é pensado como aquilo que não tem a possibilidade de participar da cena pública. Entretanto, não contém a idéia de intimidade que corresponde a outro tipo de vivência. É a ação que institui as fronteiras tênues e sempre mutantes entre o público e o privado. O público é o que se faz com o outro ou os outros e, por subtração da cena, se instaura o privado. Mas, dado que essas qualidades são produzidas pela mesma cena, há sempre um perigo: que o privado irrompa na cena e, em conseqüência, a destitua. Por exemplo, uma cena erótica é pública para aqueles que participam dela, mas imediatamente institui uma subtração -algo fica fora da cena, pelo qual certos atos passam a incorporar-se na cena privada. Pensem no consultório de um analista que institui uma cena pública para seus membros da qual fica subtraído aquilo que pertence a outros contextos. Se, durante uma sessão, alguém irrompe no consultório, se destitui a cena pública por intromissão da vida privada do analista.

O **fazer junto com um outro ou outros** institui o público sempre ameaçado por aquilo que necessariamente exclui-subtrai, ou seja, o privado. É em um permanente interjogo de exclusão que vão se definindo o público e o privado. Haveria uma subtração ontológica pela qual o corpo

enigmático ocupa o lugar da alheidade e uma subtração situacional relacionada às condições de existência do público.

A idéia de público, privado e incompatibilidade nada tem que ver com o eixo do permitido e do proibido que provém de uma relação com a Lei e as regras, enquanto que a categoria de incompatível é da ordem de um impossível lógico. Lewkowicz sugeriu-me que, dado que em cada cena o corpo cobra existência segundo uma determinada modalidade, seria mais adequado pensar em termos de pertinência ou impertinência. Esses conceitos provém da lógica das cenas. Isso tem como consequência clínica que algumas situações problemáticas da vida erótica poderiam ser pensadas, sem necessariamente remetê-las à sexualidade infantil e a suas transformações ou a déficits precoces na constituição da envoltura da pele e do esquema corporal.

O corpo denuncia⁷

Um só gesto, uma maneira de instalar-se, vestir-se, comer, denuncia uma inserção social, um adquirido, um instituído, um lugar na cultura. Uma pessoa comentou que não podia votar em X porque se dava conta, pelo seu penteado, que...A maneira de comer, de agarrar os talheres...denunciam algo pertencente a um conjunto que ou se acredita compartilhado ou resultará impossível de suportar...O que é que denuncia e por que o chamo de denúncia? Somente porque alude a um alheio, a um para sempre diferente...A denúncia tem um componente acusatório, mas também demarcatório. Aqui o que denuncia é um impossível de modificar, é a *alheidade*, é uma marca inconsciente.

O lugar do impossível de ser tolerado em cada situação toma formas diferentes, até chegar, por exemplo, à vida erótica vincular, a suscitar reações de rechaço ou atração violentas.

7. Benjamin Hopenhayn me fez notar que alguns traços de cada sujeito ou grupo social são mais eloqüentes que a linguagem falada.

Uma cena

Analiseemos uma cena.

Um casal tem relações sexuais e seus corpos criam uma cena pública para esse dado casal. Tudo que acontece nela forma parte da cena erótica. O subtraído da cena, se bem que tenha vigência para sustentar a cena e é compartilhado, tem uma qualidade particular para cada um dos membros do casal, algo da subjetividade de cada um. Por esse motivo, se repentinamente um dos membros do casal tem uma ocorrência, como, por exemplo, perguntar se há dinheiro na conta do banco, ao irromper o privado de imediato a cena pública se destitui. A famosa dor de cabeça pode ser pensada da mesma maneira, dando origem a uma brusca transformação do erotismo em violência. O mesmo sucede quando no contexto erótico um dos corpos realiza alguma ação de ordem biológico-privado. Uma paciente dizia ter relações sexuais muito satisfatórias e livres, mas não tolerava que ele pudesse vê-la urinar. Ele não podia entender porque...se tinham tanta liberdade...queria um porquê...Urinar pertencia à sua cena pública no espaço intra-subjetivo, mas sua subtração constituía a cena pública para esse dado casal...O mal-estar ou desestabilização produzido ao irromper o privado no público denuncia em parte a permanente ameaça de quebra psíquica e vincular, dado o frágil equilíbrio de constituição dos vínculos e do mundo interno. Baseio essa formulação na idéia de que o sujeito humano parece necessitar certezas e estabilidade para proteger-se da inconsistência e imprevisibilidade inerentes a todo o sistema aberto. De alguma maneira, poderia pensar-se que vivemos em um permanente estado de ameaça em cada um dos espaços de constituição da subjetividade.

Corpo social

Como o diz Le Breton (1990, p. 13), são “as representações sociais as que atribuem ao corpo uma posição determinada no seio do simbolismo geral da sociedade”. O corpo social é aquele que se constitui em conjuntos, o que dá propriedade e, por sua vez, delimita um espaço. Para o conjunto, o corpo de cada sujeito lhe pertence; o que determina a obrigação do conjun-

to de criar instituições que o contenham. O corpo singular também pertence ao conjunto, quando se trata de integrar a população.

Pensemos, por exemplo, o que acontece nesse momento de crise na Argentina, mas que se estende a muitos outros países da América Latina. Aqui o Estado está falhando em sua condição de cuidador de sua população e o corpo singular começou a fazer ruído: não tem lugar nas instituições que devem cuidá-lo: lugares públicos despojados de suas condições mínimas como, por exemplo, os hospitais carentes de recursos etc. O corpo doente fisicamente ou por indignação anda errando sem rumo e irrompe na cena pública, dado os maiores indícios de pobreza. Mas, ao irromper, o faz desde o privado, o que deveria ficar excluído da cena pública. Seria o obsceno das cenas de indignação ou de desamparo institucional. Irrompe o corpo intra no espaço social e destitui o corpo social. Essa destituição é em muitas ocasiões origem de violência.

O corpo social e cultural é também um corpo marcado pela moda, pelos costumes, **pelo que faz** o conjunto. A singularidade do corpo é o subtraído da cena pública. Andar desnudo no meio da rua é um evento que denuncia uma alteração da relação público-privada. É também assim como quando uma invalidez, enquanto não foi promotora de ações que a contêm, irrompe no conjunto como uma falha na instauração do privado.

Em síntese, cada povo impõe cenas públicas que determinam as subtrações necessárias. Nesse momento, com um grupo de colegas (Braun, 1995), estudamos como, o que chamamos mega oferta sexual proposta pelos meios de comunicação, podia estar condicionando novas modalidades de repressão e organizações do privado e do público. Naquela ocasião, chamamos de mega oferta a multiplicação de ofertas pelos meios massivos de comunicação que divulgam a promessa de prazer sexual e felicidade imediata. Preocupou-nos como, a partir de ditas ofertas, podiam produzir-se equívocos, exigências de apropriação a qualquer preço, patologias corporais e psíquicas, e, o que era pior, a exigência de prazer. Dessa maneira, o que é a posição desejante, torna-se exigência cultural. A sexualidade do corpo social em geral não coincide com a sexualidade do corpo vincular

nem com a sexualidade do corpo íntimo. Precisamente é a heterogeneidade de cada espaço a que determina as zonas de conflito. E é essa zona de conflito que nós, como psicanalistas, deveríamos poder trabalhar.

Naquele trabalho, centramos o tema dos equívocos gerados a partir da mega oferta sexual no reconhecimento do predomínio do corpo erótico social para a constituição do erotismo de um casal. A superposição de contextos tornava-se zona problemática.

Acreditávamos que a mega oferta pode irromper com violência e produzir uma modalidade de alienação. Hoje, dando mais uma volta a essa postulação, penso que o conflito provém da heterogeneidade dos espaços, e ainda que seja pertinente ter uma relação sexual em um programa de TV, deixa de ser pertinente tê-la, por exemplo, na rua. Se ocorre, torna-se irrupção do privado no espaço público.

Se bem que a rua, em uma época, era um espaço privado para a vida sexual que devia constituir seu próprio espaço público; hoje é freqüente também que a rua passe a ser um espaço público no qual um casal pode mostrar uma cena erótica, desvirtualizando a relação público-privada. Mas isso também se torna, para quem a olha, uma possível exigência imitativa equiparada à exibição com liberdade.

Quero também mencionar o caso de um paciente seqüestrado e torturado na época da ditadura, em função do que lhe ficaram alguma marcas-cicatrizes no corpo. Queria realizar uma operação estética, porque lhe incomodava muito um traço de seu rosto e pensava que isso tinha a ver com seus conflitos de casal, dado que sua esposa queria ter um marido esteticamente perfeito; o reprimido era que, em realidade, ela não podia suportar a recordação do seqüestro e da tortura. A intervenção cirúrgica criava para meu paciente um estado de grande angústia, mas era necessária... algo assim como irremediável. Fomos pensando que seu corpo da tortura e seu corpo erótico não coincidiam e que confundia marcas congênicas com as marcas que queria apagar da tortura. As marcas da tortura eram indestrutíveis, formavam parte da destituição de sua vinculação social e se haviam inscrito como conflito matrimonial. Seu corpo da tortura era o cor-

po de uma ação que continha a marca de uma falha... grave... o estado não tem direito de torturar, o corpo social tem de constituir sujeitos que formem conjuntos – a população. Mas aqui se acrescentava um conflito que se propunha da seguinte maneira: dizia ter uma vida sexual muito prazerosa, algo assim como o que havia de melhor em seu vínculo com sua esposa, mas, entretanto... tinha de fazer algo para ser gostado, mudar seu rosto. Talvez mudando de rosto para apagar uma inscrição conseguiria restabelecer um bem-estar vincular.

Algumas conseqüências teóricas

Essa maneira de encarar o tema do corpo tem fortes conseqüências teóricas e clínicas. Por exemplo, permitiria pensar que o corpo social não segue os mesmos lineamentos ditados pela cena primária, pela qual deve se introduzir modalidades de constituição do espaço social próprias ao mesmo. Seria possível pensar os conflitos de casal já não só à luz de patologias referidas ao Édipo e à sua constituição, senão que haveria de incluir compreensões de que o espaço público tem diferente sentido em cada um dos espaços subjetivantes, e estabelece fronteiras sempre frágeis por influência de ameaças que se geram em outros espaços. Nossas teorizações se verão enriquecidas ao levar em conta os efeitos de presença que caracterizam a função vinculante, baseada no efeito desconcertante que a presença do outro produz no sujeito.

Isso abre o caminho para voltar a pensar a sexualidade, as patologias provenientes de **apresentações** socioculturais, etc.

Muito caminho a andar.

Sinopse

Ocupei-me do tema da sexualidade do século XXI desde uma reformulação da entidade corpo. Ao localizar o corpo nos diferentes espaços de constituição da subjetividade, destaco a existência de conflitos devidos à heterogeneidade dos espaços de subjetivação. O corpo em cada espaço adquire diferente significado e conserva em cada um deles um componente enigmático, de *desconhecido* e um componente de alteridade. Também defino o que entendo por público e privado

determinando cenas com uma lógica própria. Finalmente, ocupo-me do corpo social e do que entendo que a cultura atual pode veicular enquanto contradições e equívocos.

Summary

I have dealt with the XXI century sexuality, starting from a reformulation of the entity named 'body'. By situating the body in the different spaces of the subjectivity constitution, I highlight the presence of conflicts due to the heterogeneity of the subjectiveness spaces. Within each space, the body acquires a different meaning and keeps it as an enigmatic, distancing component, and an alter ego component. I also define what I understand by public and private, while determining some scenarios with their own logic. Finally, I deal with the social body and of what I understand that the present culture may communicate both as contradictions and as misjudgments.

Sinopsis

Me he ocupado del tema de la sexualidad del siglo XXI desde una reformulación de la entidad cuerpo. Al ubicar esta el cuerpo en los diferentes espacios de constitución de la subjetividad destaco la existencia de conflictos debidos a la heterogeneidad de los espacios de subjetivación. El cuerpo en cada espacio adquiere diferente significado y conserva en cada uno de ellos un componente enigmático, de ajenidad y un componente de alteridad. También defino lo que entiendo por público y privado como determinando escenas con una lógica propia. Por fin me ocupo del cuerpo social y de lo que entiendo que la cultura actual puede vehicular en tanto contradicciones y equívocos.

Palavras-chave

Corpo; Alteridade; Inter-subjetivo; Intra-subjetivo; Cena pública; Cena privada.

Key-words

Body; Alterability; Inter-subjective; Intra-subjective; Public scenario; Private scenario.

Palabras-llave

Cuerpo; Alteridad; Intersubjetivo; Intrasubjetivo: Escena pública; Escena privada.

Referências

- AGAMBEN, G. **Homo Sacer, el poder soberano y la nuda vida**: Pre-textos 1995-1998.
- BERENSTEIN, I; PUGET, J. **Lo vincular Teoria y Clinica psicoanalítica**. Paidós, 1997.
- BRAUN, J., et al. **Mega-oferta**: ampliación o restricción de la sexualidad? Congreso Internacional de Psicoanálisis, San Francisco, 1995.
- LE BRETON, D. **Anthropologie du corps et modernité**. QUADRIGE/PUF 1990.
- LEWKOWICS, I. **Comentário personal**.
- MORENO, J. **La inconsistencia, los vínculos, la crianza**. Ed. Libros del zorzal, 2002.
- PUGET, J. **Sujetos destituídos em la sociedad actual**. Testimonio mudo del des-existente. Publicado em pagina 12 26 de abril 2001. p. 31.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Tradução: Dra. Heloisa Helena Poester fetter
Revisão da tradução: Ana Rosa Chait Trachtenberg

Dra. Janine Puget
Paraguay 2475, 7°
1121 Buenos Aires – Argentina
Fone: 54 11 4961-3445
Fax: 54 11 4963-5075
E-mail: Janine@pccp.com.ar